

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Giulia Aguiar Chun

**QUAIS SÃO AS VIDAS PASSÍVEIS DE LUTO? UM ESTUDO SOBRE O
CONCEITO DE ABJETO E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.**

São Paulo
2023

Giulia Aguiar Chun

**QUAIS SÃO AS VIDAS PASSÍVEIS DE LUTO? UM ESTUDO SOBRE O
CONCEITO DE ABJETO E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Ciências
Humanas e da Saúde, curso de
Psicologia, como exigência para a
disciplina de TCC, da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob
a orientação da Professora Dr^a
Solange Aparecida Emílio.

SÃO PAULO

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida orientadora Profa. Dra. Solange Aparecida Emílio, que aceitou a empreitada de pegar um trabalho que já havia tido vários outros orientadores e que me ensinou outras formas de pesquisar para além das que eu conhecia. Também agradeço a paciência com os meus processos e formas de escrever. Obrigada!

Agradeço à Profa. Dra. Paula Regina Peron que foi uma professora incrível desde Freud III e depois uma orientadora de iniciação científica mais incrível ainda. Sou muito grata por todas as trocas que tivemos ao longo da graduação, por ter me apresentado a Judith Butler e por ter tido a oportunidade de aprender tanto com essa profissional cuidadosa, ética e sensível tal como a Paula é. Obrigada por todas as trocas, ensinamentos e paciência!

Agradeço ao Prof. Dr. Plínio Almeida que foi o primeiro orientador deste trabalho e que foi muito sensível ao me ajudar a pensar em outro tema, mais conectado com a minha prática e com o que fazia sentido para mim. Obrigada por toda a confiança no meu trabalho e pelos aprendizados!

Agradeço à minha mãe Patrícia por todo o apoio incondicional desde o início ao fim da minha graduação, pelo incentivo aos meus sonhos e por acreditar em mim quando eu mesma não acreditava. Por me mostrar na prática que é possível ser uma profissional humana e sensível, por acreditar e lutar pela educação e me apresentar tantas pessoas e possibilidades incríveis neste caminho. Pela escuta, sensibilidade e força. Sem você não teria sido possível nada disso! Obrigada e que possamos ainda construir muitas coisas juntas!

Agradeço à minha irmã, Luise, que aos 13 anos me explicou sobre performatividade, melancolia de gênero e todas as outras coisas que Judith Butler escreve antes mesmo de estudar sobre isso. Obrigada por me ensinar a ser mais corajosa e lutar pelas coisas que eu acredito!

Agradeço à minha avó, Maria José, por me apoiar imensamente em todos esses anos e por acreditar em cada uma das minhas peripécias, mesmo que muitas vezes sem entendê-las! Obrigada vó!

Agradeço às minhas amigas e também futuras psicólogas Beatriz, Carolina, Catarina, Julia e Patrícia pelo apoio desde o início da graduação, por todos os aprendizados, reflexões e por terem apresentado todo esse mundo de coisas novas

que só foi possível através da amizade que construímos. Além disso, agradeço pela escuta e acolhimento de todos os surtos e crises que esse processo de se tornar psicóloga também suscitou. Tenho muito orgulho das profissionais incríveis que já são e da amizade que temos. Obrigada amigas!

Agradeço especialmente à minha amiga Julia por toda a parceria que construímos não só de amizade, mas também de trabalho ao longo desses anos. Agradeço pela generosidade, paciência, escuta, respeito e incentivos. Aprendi e aprendo a cada dia trabalhando ao seu lado, principalmente ao ver a profissional ética, sensível e respeitosa que você se torna a cada dia. Ter você como colega de profissão e de estudos foi um presente imensurável. Agradeço também a paciência para escutar os inúmeros áudios, choros e surtos ao longo do processo de escrita deste trabalho e também da iniciação. Obrigada e que possamos seguir ainda juntas por muito tempo!

Agradeço às minhas primas-irmãs, Lara e Mariana, pelo apoio, pela torcida e pelas trocas. Aprendo muito com vocês e observando o caminho incrível que vocês trilharam até aqui. Obrigada!

Agradeço aos meus colegas de equipe do Projeto Gabriela, pelas trocas e parceria nesse último ano. Obrigada por todo o aprendizado e pelo trabalho que construímos nesse último ano! Escrever essa pesquisa não teria sido possível sem o nosso trabalho.

Agradeço à equipe do Atendimento PopRua, da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, em especial a equipe do CAM composta por Massumi, Lara, Robervan, Camila e Pedro pelo aprendizado, pelas trocas e pela luta na construção de um trabalho ético e comprometido com a população em situação de rua. Além da generosidade e do cuidado durante todo o estágio. Obrigada por me ensinarem que é possível ter uma relação de tanto cuidado e respeito dentro de uma equipe!

Agradeço à equipe da Rede Sur, em especial a coordenação do Prof. Dr. Jorge Broide e da Profa. Dra. Emilia Broide, por me apresentarem um trabalho de clínicas públicas extremamente comprometido e mostrarem as possibilidades da psicanálise para além do consultório particular. Obrigada!

E por último, agradeço às minhas amigas Maria Beatriz, Giulia e Nathalia pela amizade, pelo apoio e pela parceria há tantos anos. Ter vocês me ensinou sobre amor, cuidado e carinho. Além disso, me mostrou que apesar de seguirmos

caminhos tão diferentes, conseguimos nos encontrar nas encruzilhadas da vida.
Obrigada amigas, que seguimos juntas por muitos mais anos!

RESUMO

Este trabalho explora a relevância dos estudos de gênero na psicanálise, com foco nas contribuições da filósofa Judith Butler, que se propõe a dialogar com a psicanálise em sua obra "Problemas de Gênero", desafiando conceitos que já foram estabelecidos para a teoria. Butler enfatiza a importância de discutir gênero em articulação com os estudos de gênero na psicanálise, afastando a abordagem psicopatológica das diferenças sexuais e de gênero. Ela introduz o conceito de abjeto para descrever vidas e corpos relegados à não-inteligibilidade pela norma social, discutindo não apenas questões de gênero, mas também violência, luto e política. Este trabalho visa dialogar com as teorias de Freud à luz das discussões que Butler faz para promover uma escuta clínica mais inclusiva, alinhada com os movimentos feministas, LGBTQIA+ e com os movimentos da população em situação de rua. A partir da análise dos conteúdos encontrados nos relatos presentes no site da ONG *SP Invisível* a respeito das vivências de pessoas que estão em situação de rua, foi explorada a possibilidade de transpor o conceito de abjeção para analisar a esta população, questionando a viabilidade da transposição desse conceito além das questões de gênero e sexualidade, importante ressaltar que a filósofa utiliza dessa ideia para pensar grupos como imigrantes, não-ocidentais, prisioneiros de Guantánamo e outros grupos considerados por ela fora da norma, entretanto não se propõe a pensar as pessoas em situação de rua. O estudo então, contribui para a divulgação da obra de Judith Butler no meio acadêmico, ressaltando sua relevância ético-política na desestigmatização das diferenças sexuais e de gênero, promovendo uma compreensão mais ampla da diversidade sexual e nos questionamentos a respeito da exclusão de outros grupos considerados fora da norma e que são relegados à condição de abjetos na sociedade.

Palavras-chave: Judith Butler; psicanálise; abjeção; população em situação de rua; luto;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MÉTODO	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa começou a ser construída há alguns anos atrás, partindo inicialmente de um desejo pelo aprofundamento nas questões de gênero dentro da psicanálise, que como aluna do curso da graduação sentia falta dessa discussão durante as aulas, além de acreditar que sempre ficava faltando algo quando discutimos Édipo e sexualidade para a abordagem.

A partir desse desejo, nasceu a ideia da escrita da Iniciação Científica orientada pela Prof^a. Dra. Paula Regina Peron, que tem os seus estudos aprofundados nas questões de sexualidade e gênero na psicanálise. A pesquisa teve como ponto principal a discussão da obra *Problemas de Gênero* (2003) escrita por Judith Butler e que trouxe diversas críticas e contribuições para a psicanálise naquela época, mas que até hoje se mostra tão atual quanto há 10 anos reverberando e gerando discussões extremamente relevantes no campo, não só a respeito da teoria, como também a respeito da prática.

Essa pesquisa se transformou praticamente em um guia para ler a obra pelos olhos da psicanálise e trouxe os diversos autores com os quais Butler (2003) dialoga ao longo do seu texto, também pudemos observar como a autora mesmo apontando críticas conseguiu provocar o campo e fazer as produções a respeito desse assunto pipocarem, algo que vimos na produção do relatório final, ao trazer notícias de comentadores que relacionam a obra e a psicanálise. Além disso, observamos que a autora pode trazer contribuições extremamente pertinentes.

Nesse segundo momento de pesquisa, quando os comentadores começam a ser lidos, outro campo de estudos da autora surge, sendo este segundo a respeito do luto, política e violência. Este campo me despertou questionamentos importantes em relação a algumas atividades acadêmicas-científicas nas quais me dediquei ao longo da graduação, sendo uma delas um estágio extracurricular no Centro de Atendimento Multidisciplinar (CAM) na Divisão de Atendimento Inicial Especializado ao Público e no Atendimento à População em Situação de Rua da Defensoria Pública do Estado de São Paulo.

O CAM, desde 2010, possui uma equipe composta por assistentes sociais e psicólogos que trabalham para garantir o acesso a um atendimento interdisciplinar,

auxiliar o acesso à justiça de forma integral e na garantia de direitos. Neste serviço pude atender individualmente diversos usuários da população LGBTQIA+ de forma integral, além de fazer articulação com serviços públicos da rede que atendem essa população, de forma a garantir o acesso à justiça, a partir da retificação de assento, do direito à moradia e do acesso aos serviços de saúde, além de trabalhar de forma a garantir direitos dentro do sistema penitenciário. O que me colocou a pensar como a discussão a respeito deste tema tem um compromisso ético-político para além do atendimento clínico individual, mas também de forma a assegurar direitos, algo que Butler discute bastante em suas obras. A discussão a respeito do conceito de precariedade é um exemplo disso, já que expõe como a população LGBTQIA+ possui uma relação precarizada com o espaço público devido às violências e discriminações às quais estão suscetíveis. Butler (2003) traz outros conceitos para discutir essa temática que foram discutidos na Iniciação e também serão ao longo desta pesquisa.

Além da experiência no CAM, também tive a possibilidade de estagiar no Projeto Juntos¹ e no Projeto Gabriela, ambos coordenados pelo Prof. Dr. Jorge Broide nos quais tive a oportunidade de fazer atendimentos à população em situação de rua, tanto em instituições, quanto em algumas ruas no bairro da República que fazem borda à conhecida Cracolândia no centro de São Paulo. Essas experiências me fizeram questionar outras formas de se relacionar de maneira precarizada com o espaço público, principalmente pensando no acesso a serviços da rede pública de saúde e da assistência, que apesar da existência dos princípios de equidade² e universalização³ propostos pelo SUS, não conseguem ter o mesmo acesso que pessoas que não estão em situação de rua e muito menos o mesmo atendimento - nas experiências acadêmico-científicas nas quais trabalhei, observei que constantemente ao adentrarem em serviços sejam do SUS e/ou do SUAS são expulsos, tem o seu atendimento dificultado, profissionais se recusam a atender devido às condições de higiene, tendo a sua saúde e seu acesso a direitos negados.

¹ O Projeto Juntos está dentro da CIP (Congregação Israelita Paulista) e foi coordenado pelo Prof. Dr. Jorge Broide até fevereiro de 2023 em conjunto com a psicóloga Magali Sternschein, após isso, o projeto fica apenas com a coordenação da Magali e com a supervisão do Iso Ghertman.

² O princípio da equidade, de acordo com Ministério da Saúde, tem como objetivo reduzir as desigualdades e levar em conta a singularidade de cada sujeito, ou seja, “investindo mais onde a carência é maior.” (BRASIL, Ministério da Saúde, Sistema Único de Saúde, [data])

³ Já o princípio da universalização coloca a saúde como um direito de todos e que o acesso à ela deve ser garantido sem discriminação de raça, cor, classe e gênero.

Outra atividade acadêmico-científica importante foram os atendimentos individuais e em grupo à população do Jardim Lapenna na Zona Leste, além da supervisão em psicanálise destes atendimentos e dos atendimentos individuais de adolescentes em conflito com a lei do Centro Assistencial Cruz de Malta e da população que reside no entorno do centro na Zona Sul, ambos da Rede Sur, também coordenada pelo Prof. Dr. Jorge Broide e pela Prof^a Dra. Emilia Broide. Tanto na supervisão, quanto no trabalho com os grupos de adolescentes do Jardim Lapenna pudemos discutir a respeito das questões de gênero e sexualidade que eram suscitadas pelos casos atendidos pelos profissionais e também trazidas pelos adolescentes nos grupos. Foi principalmente a partir desta experiência que pude questionar os direcionamentos da Iniciação Científica, principalmente em relação à aplicação clínica do que estávamos discutindo e dessa forma, foi decidido por alterar a bibliografia da pesquisa, de forma a adicionar textos que acrescentassem essa temática à nossa discussão. Estar na universidade, de forma presencial, neste segundo momento também se fez importante devido à possibilidade do diálogo com diversos professores e alunos que escrevem, se interessam e discutem a respeito das questões de gênero, violência, luto e política.

Tanto a Rede Sur, quanto o Projeto Gabriela e o Projeto Juntos têm como metodologia a escrita de crônicas a respeito do trabalho desenvolvido, o que nos faz refletir posteriormente sobre todo o material escutado ao longo dos atendimentos, das supervisões e das discussões. Materiais estes que a posteriori conseguimos relacionar com questões teóricas e que me fez suscitar os questionamentos que deram o pontapé para a escrita desta pesquisa, posso dizer que também foram as inquietações pós escrita da Iniciação Científica, principalmente no relatório final, em conjunto com essas experiências acadêmicos-científicas nas quais tive o prazer de me dedicar ao longo dos anos de graduação.

Dessa forma, como já foi dito, os estudos de gênero são de extrema relevância para psicanálise, já que propõem uma reflexão histórico-política sobre gênero e sexualidade, apontando possíveis caminhos para uma compreensão mais ampla da diversidade sexual através da construção teórica da psicanálise. As novas discussões sobre esses temas na contemporaneidade, apontam para limitações e questionam a escuta clínica, propondo uma reflexão sobre a necessidade de tornar a clínica mais inclusiva.

Para entender essa pesquisa, é necessário conhecer Judith Butler. Quem é essa autora que até hoje inquieta a psicanálise com os seus questionamentos? Butler, ao contrário do que muitos pensam, não é psicóloga e tão pouco psicanalista, mas sim uma filósofa norte-americana cujo pensamento dialoga com as questões feministas, pós-estruturalistas, *queer* e com a psicanálise. Em sua obra *Problemas de Gênero* (BUTLER, 2003), ela se propõe a discutir, entre outras coisas, o processo de constituição das identidades de gênero e da sexualidade, a partir de suas articulações com alguns conceitos propostos por Freud e Lacan, sendo este segundo menos abordado por esta pesquisa.

Um dos textos freudianos nos quais a autora dialoga, é *Luto e Melancolia*, no qual Freud (1915) propõe o luto como um trabalho psíquico a partir de uma perda real, geralmente da pessoa amada, enquanto na resposta melancólica, o sujeito introjeta o objeto perdido no eu, identificando-se com ele. Butler (2003) irá refutar essa ideia em sua obra, questionando a introjeção como a única forma em que a identificação tem lugar.

Outro texto freudiano, é *Eu e o Id*, no qual o psicanalista descreve a formação do eu como uma estrutura melancólica. A partir dessa proposta, Butler (2003) postula que para entender melhor a constituição de gênero, é necessário apreender que o tabu do incesto não é a primeira perda do sujeito, mas sim o tabu da homossexualidade, sendo o objeto desse tabu internalizado no eu que o preserva sob a forma de uma identificação.

Sendo assim, a filósofa entende a formação de gênero para psicanálise freudiana não só partindo da proibição do objeto de desejo, mas também da orientação do desejo, que é sempre considerada heterossexual. Oliveira (2020) reforça que Butler compreende o tabu do incesto como precedido pelo tabu da homossexualidade, e que, para ela este segundo explicaria o ódio a qualquer tipo de feminilização. Ainda sobre isso Oliveira (2020) também relata:

Segundo Butler, numa sociedade que só entende como sujeitos aqueles cuja orientação é heterossexual, existe uma associação dos homossexuais masculinos com a feminilização, já que, nesse contexto, somente o feminino pode ter como alvo de desejo o masculino. Na formação do gênero estável e binário encontraríamos a repressão de um investimento homossexual cujo repúdio provocaria a agressividade contra o feminino. (OLIVEIRA, 2020, p. 10)

Com essa afirmação, Butler nos convoca a pensar quais os motivos que levam à desvalorização do feminino e, também, questiona se há distinção entre o social e o individual. Levanta os modos de resistirmos a essa determinação social, pois por mais que estejam implicadas nas relações de poder⁴, existem formas de resistência que não são previstas por ele.

A autora também aponta que a psicanálise coloca regras de inteligibilidade cultural que são inatingíveis às transformações sociais. Por isso, é de extrema necessidade que a sua obra seja divulgada no meio acadêmico em articulação com os estudos de gênero na psicanálise. Os autores que se propõem a discutir a sua obra afirmam que esta é uma discussão de relevância ético-política, com o objetivo de afastar as diferenças sexuais e de gênero de uma abordagem psicopatológica.

Seria a psicanálise uma investigação antifundamentalista a afirmar o tipo de complexidade sexual que desregula eficientemente códigos sexuais rígidos e hierárquicos, ou preservaria ela um conjunto de suposições não confessadas sobre os fundamentos da identidade, o qual funciona em favor dessas hierarquias? (BUTLER, 2012)

Como foi apresentado até então, Butler busca fazer uma leitura política do gênero, estabelecendo uma leitura de sujeito que não determine inicialmente concepções de normalidade e de patologia a partir do binarismo. Estabelece então, como objetivo discutir gênero para dar conta do que ela chamará de “abjeto”, termo emprestado de Kristeva - uma das autoras das quais ela estabelece diálogo em sua obra.

Butler (2003) assim como faz com diversos autores, utiliza do conceito proposto por Kristeva - apesar de ter diversas críticas a forma na qual a psicanalista desenvolve a sua abordagem teórica, inicialmente para pensar gêneros e sexualidades fora da norma, de forma a retomar “seu caráter fronteiriço, de exclusão” (Rodrigues, 2021, p. 68), sendo assim, podemos dizer que “é pelo viés da abjeção que Butler inaugura o debate acerca da vulnerabilidade das pessoas

⁴ Firmino e Porchat (2017) explicam que o poder para Foucault não deve ser entendido como uma identidade teórica ou como uma “entidade”. Mas sim como uma prática, “que só existe em sua concretude, efetuado em níveis variados em múltiplas direções no cotidiano, a partir de instituições como a escola, a prisão, o hospício, o quartel, a fábrica, os meios de comunicação e as ciências” (Porchat, 2017). É compreendido a partir de uma rede de micropoderes que são articulados ao Estado, que atravessam a sociedade e que ninguém escapa. (p.)

transexuais, travestis, transgêneros e intersexos em função das normas de gênero” (Porchat, 2015, p. 40).

Apesar de trazer o conceito de abjeto para discutir os gêneros não-inteligíveis, Butler ao longo de suas obras irá utilizar deste termo também para discutir violência, luto e política. Carla Rodrigues (2021) em seu artigo *Do abjeto ao não-enlutável: o problema da inteligibilidade na filosofia de Butler* explica que por mais que exista essa mudança de ênfase por parte da autora ao longo de sua obra, o seu foco principal que é fazer uma crítica da norma que classifica certas vidas e corpos como legítimos, enquanto outros são relegados a uma condição de não-inteligibilidade, e assim a condição de abjetos, permanece.

Dito isso, o presente trabalho tem como proposta dialogar com a construção teórica que Freud propôs relacionada ao tema e não a descartar. Mostra-se necessário questioná-la para conseguirmos encontrar caminhos possíveis para uma escuta clínica mais inclusiva e em diálogo com as novas discussões dos movimentos feministas, LGBTQIA+ e da população em situação de rua.

Nesta pesquisa pretendo então, discutir o conceito de abjeto proposto por Butler, para descrever as condições de vida de sujeitos que estão “apartadas da esfera social, habitando zonas de margem, de fronteira, áreas de exclusão onde o que se oferece são formas cotidianas de reiterar a ausência de inteligibilidade social e cultural.” (Rodrigues, 2021, p. 68) e suas implicações a partir de uma leitura da obra de Kristeva, articulado com conceito de melancolia nomeado por Freud em diversos textos estabelecendo relação também com o que Butler relata sobre a constituição de gênero no seu livro *Problemas de Gênero* (2003).

A partir disso, a discussão deste trabalho será construída a partir da construção de raciocínio que foi necessária para entender o conceito de abjeto e as possibilidades de transposição para pensar a população em situação de rua, sendo inicialmente a apresentação do conceito de melancolia na obra freudiana, depois a relação deste conceito com a questão de gênero para Butler, suas implicações e como ela o utiliza para trazer a ideia da melancolia de gênero presente na sua obra, após isso, trarei a apresentação do conceito de abjeto e por último, discutirei a população em situação de rua e as possibilidades da utilização da abjeção para discutir a vivência dessa população na rua.

Esse trabalho tem como objetivo, relacionar e discorrer sobre o conceito da abjeção discutido por Judith Butler em suas obras e suas implicações para outras

populações além daquelas atravessadas pelas questões de gênero e sexualidade, como a população de rua, pensar a discussão sobre o luto que ela apresenta a partir da população em situação de rua, conhecer parcialmente e divulgar a obra Problemas de Gênero de Judith Butler no meio acadêmico, na articulação com campo psicanalítico, além de suscitar a atualidade e relevância dessa discussão, principalmente no Brasil.

Será que podemos fazer essa aproximação? Será que é possível usar um conceito que é inicialmente proposto para pensar a população LGBTQIA+ para discutir a população em situação de rua?

MÉTODO

Mijolla-Mellor (2004) define a pesquisa como um apanhado de trabalhos que vão buscar aprofundar o conhecimento de um determinado campo seja criando algo novo, ou também a partir de uma reflexão histórica e epistemológica deste campo, que nessa pesquisa será o psicanalítico.

No método proposto por Laplanche (cf.1978 e 1998), que dialoga com a definição de Mijolla-Mellor, a pesquisa em psicanálise na universidade pode se dar por um método problematizante e interpretativo a partir da leitura histórica dos textos psicanalíticos, isto é, há a possibilidade de usar o método psicanalítico para dialogar com outros textos que usam a teoria como fundamento. Dessa forma, uma parte desta pesquisa tem como o foco construir a partir do diálogo de Judith Butler com os textos freudianos e de outros comentadores acerca do discurso de gênero no campo psicanalítico e dos desdobramentos do conceito da abjeção, indagando possibilidades de remanejamento e reflexão do saber já proposto por Freud.

Como Freud (1919) propõe em seu texto “Devemos estudar psicanálise na faculdade?” existem três formas de fazer pesquisa, sendo elas em psicanálise, com e sobre psicanálise. Essa pesquisa será qualitativa e realizada *sobre* a psicanálise, a partir de uma revisão acerca do que a comunidade científica já escreveu sobre o tema, revisão histórica e epistemológica dos estudos de Freud sobre o conceito de melancolia, relacionando com as críticas apontadas por Judith Butler em seu livro *Problemas de Gênero* e por último, elaborações a respeito do conceito de abjeto proposto por ela para discutir a população em situação de rua, a partir da análise de conteúdo de relatos de pessoas em situação de rua sobre suas vivências e as implicações sociais disso.

Por Butler estar sempre apoiada no diálogo com diversos autores ao discorrer a respeito dos conceitos que propõe e sempre fazer novas discussões sobre conceitos cunhados também por outros especialistas, esta pesquisa percorrerá um caminho anterior até chegar ao conceito de abjeção e análise dos relatos, caminho este que passará pela discussão da melancolia nos textos freudianos, a partir dessa discussão trazer como a autora utiliza deste conceito em suas leituras e proposições ao abordar sobre melancolia de gênero, para por último apresentar o conceito de abjeção que deriva das discussões de gênero da autora

mas que em suas últimas obras transpõe para pensar outras populações. Como a obra de Butler é extensa e extremamente complexa, o espaço de discussões de suas outras obras para além de Problemas de Gênero aparecerá através de comentadores.

Sobre a análise de conteúdo, é possível inferir que refere-se a um método que utiliza de diversas técnicas que tem como objetivo buscar um ou mais sentidos de um conteúdo apresentado. Campos (2004) relata que a autora Bardin ao discorrer sobre esse método explica que se trata de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 612). No entanto, a própria autora reconhece que essa ideia não é completa o bastante para abranger a natureza específica da técnica.

Ela complementa essa visão afirmando que o objetivo é derivar informações relacionadas às circunstâncias de criação (ou, em alguns casos, de recepção) por meio da inferência, que pode ser baseada em indicadores quantitativos ou outros tipos de evidências. Castro, Abs e Sarriera (2011) ao discutirem este método em pesquisas de psicologia apontam que refere-se a um empenho de interpretação que tenta balancear o rigor da objetividade com a riqueza da subjetividade.

Sobre a inferência, é importante explicar que se trata de um ato que envolve a execução de uma operação lógica, na qual uma proposição é aceita com base na sua conexão com outras proposições que já foram reconhecidas como verdadeiras. Isto é, a informação relativa ao conteúdo de uma comunicação não possui significado intrínseco até que seja associada a outra informação, e essa conexão requer a aplicação de alguma forma de teoria.

Sendo assim, é possível dizer que a técnica da análise de conteúdo concerne “ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos” (Campos, 2004, p. 612). Por isso, diversos autores irão destacar a importância da semântica neste método, sendo compreendido por semântica uma pesquisa que irá investigar o sentido de um texto. Campos (2004) ainda completa que: “Pode-se por assim dizer que o método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras: de um lado a fronteira da lingüística tradicional e do outro o território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica).” (p. 613)

De acordo com essa perspectiva, fazer inferências em análise de conteúdo não se limita apenas a formular suposições subjacentes a uma mensagem específica. Isso também implica fundamentá-las em pressupostos teóricos oriundos de diferentes visões de mundo, bem como nas circunstâncias reais dos indivíduos que a criaram ou receberam. Essas circunstâncias reais são compreendidas à luz do contexto histórico e social em que a mensagem foi produzida e recebida. (Campos, 2014)

Castro, Abs e Sarriera (2011) apresentam que a análise de conteúdo é separada por alguns passos a serem seguidos. Sendo o primeiro passo uma pré-análise, que é o momento no qual são selecionados os documentos a serem examinados, quando os objetivos são determinados, e quando os indicadores para a análise de critérios são escolhidos. No segundo passo “reporta-se à transformação do dado bruto – evidência original – em estrutura traduzida de manifestação do dado” (p. 817), esse passo é chamado de codificação. Na organização da análise que existe nesse passo são utilizados 3 índices que são: recorte, agregação e enumeração. No recorte, as unidades de análise são especificadas, podendo incluir aspectos semânticos, como temas, ou linguísticos, como palavras/frases. Posteriormente, a agregação define como essas unidades serão agrupadas em categorias separadas. Por último, a regra de enumeração estabelece o método de quantificação e cálculo aplicado aos elementos do material analisado.

Nesse último passo, o da enumeração, existe uma diferença entre pesquisas qualitativas e quantitativas. No caso dessa pesquisa, que é qualitativa, é empregado o princípio de enumeração baseado na presença ou ausência, que se baseia no conhecimento teórico prévio para determinar se significados específicos estão presentes ou não em um conjunto de palavras, que neste caso serão relatos.

Na fase de apresentação dos resultados, o objetivo é destacar as conexões identificadas entre os conteúdos categorizados e a impressão geral obtida na estruturação das unidades de análise.

Dito isto, esta pesquisa é configurada como uma pesquisa qualitativa e dessa forma, buscará abordar o domínio da realidade que não pode ser mensurado. Utilizando-se do método apresentado acima que irá partir da análise dos conteúdos de relatos pré-analisados que respondem aos objetivos que foram apresentados e

que foram encontrados no site da ONG *SP Invisível* (<https://www.spinvisivel.org/>)⁵ de dezembro de 2022 a setembro de 2023, dos diversos relatos lidos foram escolhidos apenas 8 que tem como unidades de análise temas como: morte-social, discriminação, preconceito, sofrimento psíquico e a forma de análise escolhida, de acordo com as que foram apresentadas acima, será a de análise contextual do discurso. O critério de seleção destes relatos foi de apresentarem a experiência das pessoas em situação de rua na relação com a população da cidade de São Paulo e exemplificarem as violências, desumanizações e discriminações que sofrem e o impacto disso em sua saúde mental.

Sobre as unidades de análise, foram escolhidos temas que perpassam a discussão a respeito do conceito da abjeção, que será explicado à frente.

Acerca do conceito da abjeção, existem diversos autores que transpõem este conceito para pensar a vivência de diversas populações marginalizadas, que tem a sua vida atravessada pela violência de Estado, com os seus direitos desrespeitados e impossibilitados de pertencer aos espaços públicos. Assim, esta pesquisa além de trazer Sigmund Freud e Judith Butler, trará comentadores que discutem a transposição dos conceitos propostos pela filósofa quando pensa a população LGBTQIA+ para pensar outras populações que vivem fora da norma pré-estabelecida, de forma a denunciar as diversas violações de direito a que são expostos e questionar as políticas públicas visando servir aos desejos e necessidades dessa população, e não para manter o *status quo*.

⁵ SP Invisível é uma ONG que divulga histórias da população que está em situação de rua na cidade de São Paulo e que se propõe a “educar, conscientizar e sensibilizar a sociedade” (SP Invisível, site) para os desejos, necessidades e possibilidades dessas pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão a seguir será apresentada a partir da linha de raciocínio construída para entender o conceito de abjeção, visto que a filósofa escolhida para trabalhar nesta pesquisa, Judith Butler, ao discorrer sobre os conceitos que propõe, o faz alicerçado em diversas noções de outros autores, ou seja, ao propor novas concepções para conceitos que já existem, apresenta relações com o que outros autores têm discutido a respeito da temática.

Assim, a discussão será dividida em 4 itens, sendo eles: conceito de melancolia para Freud, no qual terá a apresentação deste conceito em algumas obras freudianas; relação do conceito de melancolia para a questão de gênero para Butler, a partir da apresentação do conceito no item anterior, será evidenciado como a filósofa utiliza dele para discutir as questões de gênero e sexualidade; o que é abjeto? Discussões entre Butler e Kristeva, onde será a apresentação do conceito de abjeto que aparece na discussão de gênero; e por último, o item população em situação de rua e as vidas não-enlutáveis, no qual terá a relação do conceito de abjeto para pensar as pessoas em situação de rua e suas vivências, a partir da articulação dos relatos escolhidos.

Os relatos a seguir serão relacionados com as unidades de análise apresentadas no método para serem confrontados a respeito da questão da abjeção.

"Sentir a sede nesse calor e não ter onde se refrescar é horrível, você fica fraco, com a imunidade baixa... Em muitos lugares negam um copo de água pra gente, acredita? Pois é... Mas sabe o que é pior que o frio e o calor? A DISCRIMINAÇÃO... Meu nome é Claudio, tenho 41 anos e estou há 1 ano em situação de calçada. O motivo principal foi o desemprego... Hoje em dia o salário não dá nem para ir ao mercado direito, quem dirá para pagar um aluguel. Os bicos que consigo por aí não dão conta nem de alugar um quartinho, aliás, talvez até dê, mas aí vou comer o que? Essa é a dura realidade de muitas famílias aqui na rua! Só julga quem não valoriza e não tem noção do mundo aqui fora. Muitos até veem, mas não enxergam de verdade." (Cláudio, em situação de rua, 40 anos.)

"Trabalho de rodinho no farol, mas o preconceito é grande, a maioria das pessoas nos desprezam ou acham que vamos roubar. A maioria de nós pagamos por conta do mal exemplo de poucos... a sociedade não perdoa,

generaliza mesmo, não tem jeito! Meu nome é Carlos, tenho 26 anos, dessa vez vai fazer 1 ano e pouquinho que estou em situação de calçada. O motivo? Droga! Minha família é aqui do centro, já saí e voltei diversas vezes da rua, entre uma recaída e outra, acabo voltando pra cá. Isso aqui não é vida para ninguém não! Meu maior sonho hoje é me livrar de vez do vício, tipo, esquecer que um dia já coloquei essa porcaria na boca. Se fosse fácil assim, a vida seria tão melhor, né?" (Carlos, em situação de rua, 26 anos.)

"Às vezes me pego pensando o que eu fiz para aos 76 anos estar nessa situação... O mundo é muito injusto e cruel... O inverno? Na rua é cruel. Meu nome é Joaquim, tenho 76 anos e estou há 22 anos em situação de calçada... Antigamente eu tinha tudo, mas depois que a política começou a desandar, acabei perdendo tudo, inclusive o meu emprego e depois disso não consegui mais nada... A bebida me atrapalhou bastante depois disso, pois acabei caindo na depressão e as coisas só pioraram... Então caí na rua, mas depois que vim parar na rua parei com a bebida... Uma mensagem que eu deixo para os mais jovens e que sempre falo é para pensarem mais no futuro! Aqui na rua não tem paz, sempre tenho que estar me locomovendo para não incomodar as pessoas, se tiver bagunça aqui, vou para lá e assim vai... Prefiro ficar sozinho, pois com a minha experiência de vida eu sei que não dá para confiar no ser humano.." (Joaquim, em situação de rua, 76 anos)

"Durmo na rua desde os 12 anos, quando me assumi travesti e minha mãe me pôs pra fora. Mesmo assim, eu sempre a ajudo, mando um SEDEX, um dinheiro... Hoje estamos sobrevivendo com aquela manta cinza que a prefeitura distribui, mas ela parece só servir pra aumentar o preconceito sobre a gente. O nome do meu cachorro é Dolinho, e sempre que eu posso peço doação de roupinha porque odeio ver ele tremendo assim. Sempre vou preferir aquecer a ele do que a mim." (Monique, em situação de rua, 34 anos)

"A minha esperança está em Deus, pois esperar algo das pessoas, é difícil... Meu nome é Moisés, tenho 40 anos, estou há 28 anos em situação de calçada, desde os 12 anos de idade. O segredo da mente lúcida mesmo após tantos anos na rua? Não tem segredo, nossa força é Deus, se você não se apegar a ele, você está perdido. Se não fosse ele eu já não estaria mais aqui de tantas coisas que já aconteceram comigo... Tem muita gente preconceituosa na sociedade e que não gosta da gente, porque não enxerga a gente como seres humanos e que tem sentimentos... Já tentaram atear fogo em mim, me apedrejar, um monte de coisas ruins. Por isso a gente tem que ficar esperto o tempo todo... E que nem um jogo, tem que ser forte e se defender, não é fácil não... Só tenho a agradecer vocês, porque se não fosse vocês.. "(Moisés, em situação de rua, 40 anos.)

"Meu nome é Agnaldo, tenho 55 anos e estou há mais de 30 anos em situação de calçada. O motivo foi o uso abusivo de drogas, desavença familiar, entre outras questões que vão surgindo na nossa vida. O dia a dia na rua é turbulento, passa fome, passa frio, não é fácil. Além disso, a sociedade me vê como um lixo, a maioria que passa por nós só falta cuspir na gente... Meu maior sonho hoje? Sem dúvida nenhuma é sair da rua com o meu cachorro, ter um lar digno para nós dois e sem depender de ninguém, pois é uma das piores coisas que tem." (Agnaldo, em situação de rua, 55 anos.)

"Só Deus pode me julgar, né? Meu nome é José Roberto, tenho 49 anos e estou há 4 anos em situação de calçada. O principal motivo foi a dependência química, as pessoas nos julgam, mas são muitos os fatores que envolvem o mundo da dependência... Eu mesmo comecei a usar para esquecer minhas frustrações e os sofrimentos que já passei. Hoje vivo fazendo minha reciclagem, honestamente, para não pegar nada de ninguém. Já errei no passado e já tirei a cadeia, tive que aprender na marra o que é certo e o que é errado. Na rua, tem dia que é difícil, tem dia que é mais sossegado, mas quando chove, é a pior coisa... Tem muita gente que ajuda, mas prefiro fazer meu corre, não faço questão disso, porque sei que não está fácil para ninguém e não quero ficar parasitando, quando estou com fome eu peço. As pessoas deveriam ter menos preconceito e não generalizar todo mundo! A todo instante eu vejo maus olhares, muita gente atravessa a rua quando eu passo. Só no olhar você já vê... o preconceito." (José Roberto, em situação de rua, 49 anos.)

"Eu sou invisível para você? Não sei explicar esse sentimento, parece que eu não faço parte do mundo, sabe. As pessoas passam, e até olham para mim, mas só para julgar e dizer que estou aqui porque quero. Que tipo de gente escolheria viver na miséria? Quem iria escolher passar um dia inteiro sem comer como eu? O medo, a insegurança de não saber o que vou comer depois, é o que mais me frustra. A gente faz o possível para sobreviver, ainda que "o possível" não tenha dignidade nenhuma. Morar na rua exige educação, paciência e muita, mas muita força. Porque senão... Se não for forte, se afunda sozinho até o dia que não existe mais um amanhã para viver. Obrigado por me comprar um almoço irmão, eu já estava ficando ansioso da fome..." (André, em situação de rua, 35 anos)

CONCEITO DE MELANCOLIA PARA FREUD

O conceito de melancolia na obra freudiana passa por diversos caminhos. Entretanto, apenas os textos *O Eu e o Id* (1923) e *Luto e Melancolia* (1917) serão

discutidos ao longo desta pesquisa devido à relevância e ao objeto da pesquisa. Em seu artigo “Luto e Melancolia” (1917), Freud faz uma diferenciação da melancolia com o luto, afirmando que mesmo que ambos sejam processos de perda de objetos amados, têm funcionamentos distintos para o inconsciente. Mendes, Viana e Bara (2014) postulam que no luto, a pessoa enlutada se agarra ao objeto por meio de “uma psicose alucinatória de desejo”. A melancolia pode tanto ser uma reação à perda do objeto amado, como caracterizada por uma perda idealizada, em que o objeto de amor é perdido enquanto lugar que ocupa e não como uma morte propriamente dita. Sobre isso, Freud coloca:

[...] e é lícito supor que tampouco o doente pode ver conscientemente o que perdeu. Esse caso poderia apresentar-se também quando a perda que ocasionou a melancolia é conhecida do doente, na medida que ele sabe quem, mas não o que perdeu nesse alguém. Isso nos inclinaria a relacionar a melancolia, de algum modo, a perda de objeto subtraída à consciência; diferentemente do luto, em que nada é inconsciente na perda. (FREUD, 1917, p. 175)

Em seu trabalho adicional intitulado *O Eu e o Id*, Freud (1923) propõe que, na condição de melancolia, o objeto perdido é reintegrado ao Eu e desempenha um papel fundamental na formação de sua identidade. Em outras palavras, ele sugere que a substituição de um investimento em um objeto por uma identificação é uma parte essencial desse processo (FREUD, 1923, p. 25).

Pensar na articulação do conceito de melancolia na formação do Eu, em que a perda das catexias objetais primitivas será introjetada no Eu em um processo melancólico de identificação, me levou a questionar tanto a formação, quanto a noção de gênero para psicanálise, de forma a querer entender como esse conceito é explorado para além do que Freud propõe e a partir disso, relacionar com o que Butler (2003) conclui sobre uma “construção melancólica de gênero” (BUTLER, 2003, p.48).

Sobre a importância do conceito da melancolia para a psicanálise, Marucco (1987) afirma:

Ocupar-se e preocupar-se pelo e do tema da melancolia é imprescindível não só para compreender a teoria psicanalítica e seu rico caudal de conceitos, mas também para contribuir e desenvolver um tema capital para o futuro da psicanálise. Vejo com cada vez mais clareza, que Luto e Melancolia se situa como um texto freudiano decisivo para o desenvolvimento da ciência psicanalítica. Suas implicações teóricas, a

amplitude do registro clínico que compõe, seus desenvolvimentos técnicos que incita, são indicadores da abertura que o texto nos brinda (Marucco, 1987, p. 11, apud. Calheiros, 2014).

1.1 Luto e Melancolia

Em um dos seus principais e mais famosos textos sobre o assunto, Luto e Melancolia (1917), Freud faz uma distinção da melancolia com o luto, como foi apresentado acima. Assim, podemos dizer que enquanto no luto existe uma perda que é nomeada e consciente, ou seja, a pessoa sabe quem e o que perdeu, na melancolia essa perda é inconsciente, e, portanto, não é simbolizada. Ou seja, na melancolia às vezes a perda pode ser conhecida do sujeito mas ele não sabe realmente o que perdeu e dessa forma, ela é inconsciente.

Freud (1917) postula que na melancolia se apresenta algo diferente do luto, que é um rebaixamento da autoestima e um empobrecimento do Eu. Sendo assim, é colocado que diferente da melancolia, no luto é o mundo que irá se tornar vazio para o sujeito, enquanto na melancolia é o próprio Eu. Freud ressalta que o sujeito descreve o seu eu muitas vezes como incapaz e espera rejeição dos que estão à sua volta. Essas recriminações que o sujeito faz ao seu Eu são muitas vezes recriminações ao objeto amoroso que foi perdido, e que se voltam contra o Eu.

É posto que na melancolia a libido é retirada do objeto, mas não é colocada em outro. Sendo assim, fica recuada no Eu e estabelece uma identificação dele com o objeto abandonado. Dessa forma, Freud afirma que a perda do objeto se transforma em uma perda do Eu. Pode haver uma resistência do investimento objetual, e esse investimento, à medida que aparecem dificuldades, regride ao narcisismo a partir do momento em que a escolha objetual ocorre em base narcísica. É uma substituição do amor objetual pela identificação.

Assim, Freud (1917) propõe que a melancolia é, tal como o luto, uma reação à perda do objeto amado. Entretanto, também tem uma parte regredida que seria considerada patológica. Nessa regressão, o objeto que foi eliminado mostra-se mais forte que o próprio Eu e com isso nos coloca a questão do suicídio, que aparece quando o Eu passa a se tratar como um objeto com hostilidade.

Calheiros (2014) pontua que neste texto ficam lacunas a respeito da classificação da melancolia como neurose ou psicose. A autora afirma então que para responder às perguntas que ficaram, La Planche e Pontalis (1992) relatam que “Freud classifica a melancolia como neurose narcísica; não a define nem como

neurose e nem como psicose, mas sim a situando 'na charneira entre a neurose e a psicose' (p. 293)."

1.2 Eu e o Id

Já em seu outro texto, O Eu e o Id (1923), Freud acredita que a partir da introjeção o Eu possibilite com mais facilidade o abandono desse objeto. Além disso, também sugere como possibilidade que a identificação seja a condição na qual o Id aceita abandonar seus investimentos objetais. Podemos assim dizer que o Eu seria um depósito de desejos abandonados pelo sujeito contendo as histórias de cada um deles.

Freud (1923) propõe que talvez essa substituição também pode ser uma forma do Eu controlar o Id, aprofundando as relações com ele, pois, como o Eu introjeta partes desse objeto, ele pode se oferecer ao Id como objeto de amor, ao tentar compensar a perda. Também postula a respeito da sublimação, que ocorreria a partir de uma mediação do Eu, ao transformar inicialmente a libido objetal em libido narcísica.

Sobre o Ideal de Eu, Freud (1923) propõe a sua origem a partir da primeira e mais importante identificação do indivíduo, que é com os pais. Para exemplificar isso, ele explica o Complexo de Édipo. Para o menino, quando pequeno, que tem como investimento objetal sua mãe, Freud pontua que é uma escolha objetal por apoio, e com o pai neste momento a relação é de identificação.

Mais tarde, a partir da intensificação dos desejos sexuais pela mãe, o menino tem a percepção de que o pai atrapalha estes desejos e, assim, a identificação com o pai se torna uma rivalidade, junto com o desejo de eliminá-lo dessa triangulação. Segundo Freud (1923), a partir desse momento a relação de ambivalência presente na identificação se acentua. Com a dissolução do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe é abandonado, e no lugar dele há duas opções: uma identificação com a mãe ou um fortalecimento na identificação com o pai. Assim, ele conclui que é por conta dessa dissolução que a masculinidade é consolidada para o menino.

Nesse ponto de sua obra, Freud (1923) propõe o complexo de Édipo feminino como um processo análogo ao do menino, mas a sua dissolução pode resultar em um fortalecimento da identificação com a mãe, consolidando o caráter feminino da criança. Porém, esses cenários não mostram a introjeção do objeto amado no Eu, e referente a isso, Freud explica que a dissolução da situação edípica em uma identificação com a mãe ou com o pai irá depender, em ambos os sexos, da força das disposições sexuais. Sendo assim, essa é uma das formas pelas quais a bissexualidade constitucional do indivíduo irá intervir no destino edípico.

Por outro lado, Freud (1923) propõe outra explicação a partir de um complexo de Édipo mais completo, sendo duplo - positivo ou negativo - e que dependerá da bissexualidade original da criança. Nesse ponto, Freud expressa sua dificuldade em compreender as primitivas identificações e escolhas objetais, e também de descrevê-las de modo inteligível. A respeito disso, ele explica:

Também pode ser que a ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade, e não, como apresentei acima, ter se desenvolvido a partir da identificação pela atitude de rivalidade. (Freud, 1923, p. 41)

Como já foi colocado, a dissolução do complexo de Édipo depende da intensidade das disposições sexuais e irá refletir nas duas identificações. Sobre isso, Freud afirma:

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu. (Freud, 1923, p. 35)

A origem do Supereu acontece a partir de dois fatores biológicos importantes: o desamparo e dependência infantil e o complexo de Édipo. Ele estabelece uma dupla face, constituindo uma relação com o Eu tanto de proibição quanto de advertência, sendo explicado a partir do esforço que ele fez na repressão do complexo de Édipo. O Supereu conserva o caráter do pai, já que ao perceber o pai como obstáculo, o Eu infantil se fortalece para a repressão estabelecendo este mesmo obstáculo dentro de si mesmo. Sendo assim, quanto mais forte for a

situação edípica, tanto mais rapidamente - com influências de autoridade, religião, escolas - e de forma mais rigorosa o Supereu terá influências sobre o Eu como consciência moral, a partir de um sentimento inconsciente de culpa (FREUD, 1923).

Assim, podemos dizer que o Supereu é herdeiro do complexo de Édipo, sendo o representante da relação que estabelecemos com os nossos pais. Enquanto o Eu representa o mundo externo e a realidade, o Supereu o questiona como advogado do mundo interior, do Id.

Freud (1923) então traz a concepção dualista dos instintos: os instintos sexuais ou *Eros*, que compreendem também o instinto de autoconservação que está inscrito no Eu; e os instintos de morte, que têm como objetivo conduzir o aparelho psíquico ao estado inanimado, de tensão zero. Assim, Freud sugere a possibilidade de disjunção dos instintos.

Sobre o sentimento de culpa, Freud (1923) afirma existirem diversas manifestações. Um deles pode ser chamado de sentimento de culpa consciente, que resulta da relação de tensão entre o Eu e o ideal de Eu, na qual este segundo mostra uma severidade de forma e se enfurece com o Eu. Em relação a isso, existem dois estados: a neurose obsessiva e a melancolia.

Na neurose obsessiva, o sentimento de culpa não se justifica perante o Eu, já que o Supereu é influenciado por alguns processos que são inconscientes para o Eu, além dos impulsos reprimidos que se unem ao sentimento de culpa. Sobre isso, Freud comenta: “O Super-eu, aqui, sabia mais sobre o Id inconsciente do que o Eu” (FREUD, 1923, p. 64).

Já na melancolia essa tensão entre o Eu e o ideal de Eu se expressa com maior intensidade. A impressão é de que o Supereu arrebatou a consciência de modo sádico e se voltou contra o Eu de tal forma que ele se reconhece culpado. Por isso, “na melancolia, o objeto que toca a ira do Super-Eu foi acolhido no Eu por identificação” (FREUD, 1923, p. 64).

Na histeria a culpa aparece de outra forma. O Eu histérico se defende da severidade das críticas do seu Supereu através de um ato de repressão. Dessa maneira, depende do Eu que esse sentimento de culpa continue inconsciente e

mantenha distância desse material que poderia gerar este sentimento. Em todas essas situações relatadas podemos perceber que o Supereu tem uma independência do Eu consciente e mantém relações com o Id inconsciente.

Outro aspecto importante sobre a dependência do Eu para com o Supereu é a questão da angústia. Freud (1923) propõe que “todo medo é, no fundo, medo da morte” (p. 72). O medo da morte é um conceito difícil para a psicanálise, pois não tem correspondência inconsciente, então, na relação do Eu e do Supereu, Freud acredita que o mecanismo do medo da morte se dá no abandono que o Eu faz dos investimentos libidinais narcísicos.

Esse medo aparece sob duas condições: como reação a uma ameaça externa ou como processo interno. A angústia da morte pode ser entendida a partir da elaboração da angústia de castração.

A partir dessas discussões a respeito do conceito de melancolia e seus desdobramentos na teoria freudiana, em seu livro *Problemas de Gênero* (BUTLER, 2003), ao discutir a constituição de gênero e se utilizar de conceitos psicanalíticos para isso, Judith Butler vai empregar a noção da melancolia proposta por Freud enquanto fundamental para a formação do Eu e da escolha objetual, de modo semelhante à discussão sobre o luto em *Luto e melancolia* (FREUD, 1917). Além disso, também irá recorrer ao reconhecimento pelo psicanalista da melancolia enquanto mecanismo que contribui para a constituição de caráter. Sendo assim, Butler (2003) irá questionar se a identidade de gênero não poderia ser disposta através deste processo também. Isto será discutido no próximo capítulo.

RELAÇÃO DO CONCEITO DE MELANCOLIA COM A QUESTÃO DE GÊNERO PARA BUTLER.

Para entender o que Butler propõe sobre a constituição de gênero, é necessário entender o que ela compreende por identidade de gênero. Butler (2003) acredita que a identidade de gênero é uma sequência de atos performativos e intencionais. Sobre isso, Dunker e Cossi (2017) explicam:

Atos repetidos de uma forma estilizada produzem efeito de ontologizar os gêneros auto-justificando a crença na existência de o homem ou a mulher. É assim que corpos, em si infinitamente diferentes, adquirem aparência de gêneros fixos e idênticos. (...) A repetição imitativa pode ocorrer como paródia, como citação ou como iteração, organizando atos performativos que criam a ilusão de substância, unidade, coerência e identidade. (DUNKER; COSSI, 2017, p. 3)

Em sua obra *Problemas de Gênero*, que será o texto principal da autora com o qual irei me apoiar ao longo desta pesquisa, Butler (2003) traz como temas principais a determinação de identidade de gênero e a sexualidade como performativas. Ao entender a noção de gênero desse lugar, a filósofa se propõe a questionar o determinismo biológico:

[...] o sujeito nasceria homem ou mulher e suas diferentes experiências e lugares na sociedade seriam determinados naturalmente de acordo com o sexo que o sujeito nasceu. Essa determinação biológica serve à naturalização da desigualdade entre homens e mulheres. Ao se naturalizar o poder, oculta-se como seus mecanismos operam, bem como a possibilidade de contestação e transformação da estrutura social. (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 54 e 55)

Sendo assim, Firmino e Porchat (2017) explicam que a noção de gênero a partir da determinação biológica, serve para afirmar que que, além de serem determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, as diferenças sexuais também são reforçadas pela cultura e pela sociedade produzindo diferenças que são ideologicamente colocadas como naturais, sem abrir espaço para questionamentos.

Através da rejeição dessa lógica e colocando o gênero como uma produção discursiva, sendo tanto o sexo como o gênero efeitos do discurso, Butler (2003) propõe o método chamado de genealogia da ontologia de gênero. Este irá investigar a construção da ideia de sujeito sendo uma consequência do efeito das relações de poder.

Sara Salih (2012) aponta que o livro *Problemas de Gênero* (1990) é o mais relevante dentre todos, já que é nesse livro que Butler introduz o caráter performativo do gênero. Após essa publicação, Judith Butler recebeu diversas críticas, principalmente dos movimentos feministas. No entanto, na prática, essas proposições estimularam a retomada do debate sobre a diferença sexual, seus usos políticos e seus limites binários (Rodrigues, 2021, p. 11). Carla Rodrigues (2011) observa que, devido à recepção não tão positiva do livro, Butler respondeu às

críticas através de suas obras subsequentes, tal como "Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo" (1993), publicado no Brasil em 2019 e entre outras.

Butler (2003) expõe a crítica de que nas teorias psicanalíticas não há uma abordagem clara para lidar com gêneros não-inteligíveis, ou seja, com formas de identidade de gênero que vão além da dicotomia convencional entre feminino e masculino. Porchat (2007) identifica na autora a intenção de manter constantemente a interrogação e a tensão presentes nas definições de homem, mulher, masculino e feminino, bem como nos efeitos resultantes da solidificação dessas categorias. Bezerra e Pinheiro (2020) assinalam que, no livro *Problemas de Gênero*, Butler sugere que a concepção de gênero possui uma natureza essencialmente política, sendo necessário abordá-la a partir do enfoque da natureza performativa da linguagem. Isso envolve uma exploração do conceito em conjunto com as expressões da sexualidade que não se alinham com as normas estabelecidas, com o objetivo de fomentar discussões sobre estratégias políticas capazes de instigar transformações nas dinâmicas de poder que regem as relações entre os gêneros. A demanda de Butler, conforme enfatizado pelas autoras, "consiste, sobretudo, em tornar possíveis as vidas cujas experiências são rechaçadas dentro das modalidades de inteligibilidade convencionais, especialmente a heterossexual" (Bezerra e Pinheiro, 2019, p. 51), e nisso ela convoca a psicanálise.

Rubin (data) irá dizer que a psicanálise dá conta de discussões na quais a antropologia não consegue dar, principalmente as que se referem às formas que o parentesco é reproduzido e a maneira pela qual as expectativas da sociedade sobre sexualidade e identidade de gênero são incorporadas pelos indivíduos.

Entretanto, a própria Rubin reforça o quanto a psicanálise é uma teoria feminista *manqué*, uma vez que aborda aspectos de importância considerável para o movimento feminista, especialmente ao explorar a maneira pela qual as categorias de gênero são estabelecidas e separadas com base na bissexualidade primordial. Rubin também observa que Lévi-Strauss argumenta que o tabu do incesto e suas ramificações são fundamentais para o surgimento da cultura, ou seja, a subordinação da mulher é vista como uma condição prévia para o surgimento da cultura. A autora também critica a psicanálise por ignorar que é só por meio da análise do elemento histórico e moral que é possível retratar a estruturação da opressão.

Sendo assim, ao discutir a respeito da constituição de gênero, Butler em seu livro *Problemas de Gênero* (2003) - o único no qual iremos utilizar ao longo desta pesquisa, retoma Freud em *O Eu e o Id* que como já foi reiterado no capítulo anterior, coloca o conceito de melancolia como essencial a formação do Eu e da escolha objetal, além disso, reconhece o mecanismo da melancolia como essencial para contribuir à constituição de caráter, Butler então questiona se não seria através deste processo que se constituiria também o gênero.

Utilizando-se desta problemática que Freud traz em *O Eu e o Id*, Butler (2003) sugere que esse processo não seria aplicável à construção da identidade de gênero, já que o tabu do incesto leva o Eu a experimentar a perda de um objeto de amor, à qual ele irá preencher pela incorporação interna do objeto proibido do desejo. Enquanto a união heterossexual é proibida, o objeto é rejeitado, mas o impulso do desejo permanece, direcionando-se para outros objetos do sexo oposto. No contexto de uma união homossexual proibida, é evidente que tanto o desejo quanto o objeto exigem supressão, resultando na necessidade de empregar estratégias para internalizar a melancolia.

Como já foi dito, Butler (2003) utiliza de diversos textos cunhados por Freud em seu livro, outro texto freudiano que ela usa para discorrer sobre gênero, é *Dissolução do complexo de Édipo* (1924). A partir deste texto, a autora discute a respeito da relação entre pai e filho, Freud coloca que inicialmente o menino irá negar o amor pelo pai, afirmando seu investimento primário na mãe. Ele discorre sobre o Édipo para elucidar os motivos nos quais o menino irá exercer uma atitude ambivalente em relação ao pai enquanto explica a ambivalência na relação parental a partir da bissexualidade.

A rejeição do filho à mãe é interpretada por Freud como um momento crucial na formação da identidade de gênero: ao abandonar sua mãe como objeto de desejo, ele incorpora essa perda por meio da identificação com ela, desloca seu afeto heterossexual e fortalece seus vínculos com o pai, consolidando, assim, sua masculinidade. No contexto da homossexualidade, Butler argumenta que quando o menino renuncia tanto ao alvo quanto ao objeto do interesse heterossexual, ele internaliza a figura materna, originando um superEu de natureza feminina. Esse processo resulta na dissolução e desorganização da masculinidade, dando lugar a disposições libidinais de cunho feminino.

No que diz respeito ao complexo de Édipo nas meninas, Freud postula que pode assumir um caráter positivo, envolvendo identificação com o mesmo sexo, ou negativo, com o sexo oposto. Isso, segundo Freud, está relacionado à força ou fragilidade da masculinidade ou feminilidade em sua predisposição inata. No entanto, Butler questiona a ideia de predisposições e sua ligação com o conflito edipiano, indagando: “Até que ponto tomamos o desejo pelo pai como prova de uma predisposição feminina, só porque partimos de uma matriz heterossexual do desejo, apesar da postulação da bissexualidade primária?” (Butler, 2003, p. 111-112). Ela levanta a questão de como distinguir entre a feminilidade adquirida por meio de internalizações e aquela que emerge de predisposições naturais. Butler explica:

Tomando a problemática da internalização como ponto de partida, consideremos o status das identificações internalizadas na formação de gênero e, secundariamente, a relação entre afinidade de gênero internalizada e a melancolia autopunitiva das identificações internalizadas (Butler, 2003, p. 112).

Em sua obra *Luto e melancolia*, Freud explora as atitudes autocríticas características dos indivíduos melancólicos, as quais ele considera como resultado da internalização de um objeto amoroso que foi perdido. Esse objeto então é incorporado ao Eu como uma agência crítica, e a raiva direcionada a esse objeto é introjetada de maneira invertida, fazendo com que o próprio objeto critique o Eu. O melancólico se recusa a aceitar a perda do objeto e a ambivalência que ele sente em relação a esse objeto exige que ele seja preservado por meio da internalização, uma estratégia que visa ressuscitar o objeto perdido. Em *O Eu e o Id*, Freud sugere que o processo de identificação associado à melancolia pode ser a única forma pela qual o Id pode renunciar aos seus objetos, ou seja, a identificação característica da melancolia torna-se uma condição prévia para o trabalho do luto: “Abrir mão do objeto não é uma negação do investimento, mas sua internalização e, conseqüentemente, preservação” (Butler, 2003, p. 114).

As perdas que o Eu internaliza são reintegradas como parte do ideal de Eu, da mesma forma que a raiva e a culpa associadas ao objeto também são internalizadas e, posteriormente, relacionadas à perda em si. Dessa maneira, o Eu constrói uma forma de autodirecionamento: ele troca de posição com o objeto e investe o ideal de Eu com características de ação e moralidade, que então são voltadas contra o próprio Eu. Butler enfatiza que esse processo está

intrinsecamente ligado à internalização das identidades de gênero, uma vez que o ideal de Eu representa uma solução para o complexo de Édipo e desempenha um papel fundamental na consolidação da feminilidade ou masculinidade. O ideal de Eu funciona como uma instância interna de controle e proibição, que atua para reforçar as identidades de gênero ao redirecionar e sublimar o desejo. Ele regula as identificações com os papéis masculinos e femininos: "O genitor não só é proibido como objeto amoroso, mas é internalizado como objeto de amor proibidor ou impeditivo" (Butler, 2003, p. 115). Em outras palavras, na resolução do conflito edipiano, a proibição do genitor do sexo oposto pode levar à identificação com o mesmo sexo ou a uma recusa dessa identificação. Com base nessa interpretação do processo de identificação como um substituto para as relações de objeto perdidas, Butler afirma que

A resolução do complexo de Édipo afeta a identificação de gênero por via não só do tabu do incesto, mas, antes disso, do tabu contra homossexualidade (...). Se as predisposições masculina e feminina são resultado da internalização efetiva desse tabu, e se a resposta melancólica a perda de objeto do mesmo sexo é incorporar, e a rigor torna-se esse objeto, por via da construção do ideal do eu, então a identidade de gênero parece ser, em primeiro lugar, a internalização de uma proibição que se mostra formadora da identidade (Butler, 2003, p. 116).

Portanto, a manifestação de melancolia na identificação de gênero, em resposta ao enigma edipiano, deve ser interpretada como a internalização de uma orientação moral. Essa orientação adquire sua forma e energia a partir de um tabu imposto externamente, sendo o tabu contra a homossexualidade estabelecido antes do tabu contra o incesto. Para Butler, o tabu contra a homossexualidade estabelece as predisposições heterossexuais que formam o contexto de conflito edipiano. Assim, essas predisposições são consideradas por ela como efeitos de uma lei que é internalizada, gerando identidades de gênero distintas e a heterossexualidade. A lei opera tanto como geradora da sexualidade por meio das predisposições, como posteriormente se manifesta na conversão delas em estruturas de parentesco exogâmicas socialmente aceitáveis. Butler vê essa interconexão da lei como ardilosa, pois limita a possibilidade de se rastrear uma origem cultural radical da sexualidade e das dinâmicas de poder.

Butler argumenta, portanto, que se enxergarmos a identidade de gênero como um constructo melancólico, a incorporação é o processo pelo qual essa

identificação é concretizada. Nesse sentido, a identidade de gênero se forma através de uma recusa da perda, que é codificada no corpo e delimita sua fronteira entre vivo e morto. A incorporação torna-se o veículo pelo qual o corpo estabelece o sexo como sua realidade concreta: "A perda do objeto do prazer se resolve mediante a incorporação deste mesmo prazer, resultando que o prazer tanto é determinado como proibido por via dos efeitos compulsórios da lei diferenciadora dos gêneros" (Butler, 2003, p. 124).

Conforme a interpretação de Butler, a melancolia heterossexual é institucionalizada e perpetuada culturalmente como um preço a ser pago por identidades de gênero estáveis, sustentadas por desejos opostos. Isso prenuncia uma ideia discutida no terceiro capítulo do livro, onde o gênero é entendido como uma representação que constrói performativamente a ilusão de sua própria fixidez interior. A incorporação de uma identidade é uma espécie de fantasia literalizante: "Tornar-se um gênero é um laborioso processo de tornar-se naturalizado" (Butler, 2003, p. 127).

A partir dessa explicação, podemos dizer que Butler compreende o gênero "como uma experiência produzida com amparo na repetição de identidades sexuais instáveis e arbitrárias formadas no seio de práticas institucionais e discursivas que se organizam pelo falocentrismo e pela heterossexualidade compulsória" (p. 46). Ela desmonta a concepção de gênero ao enfatizar que não existe uma essência subjacente ou substância intrínseca a ele, nem uma entidade por trás do ato performático. Além disso, ela argumenta que a configuração da identidade individual é forjada para meios de controle.

Para entender gênero para a autora, é imprescindível entender a respeito de performatividade, que constitui a maneira pela qual uma ilusão de substância é gerada, o ato performativo confere realidade ao que identifica ou executa, por meio de gestos ou comportamentos que estão perpetuamente conectados a um sistema de signos ou referências, daí a noção de repetição. Conforme destacado por Porchat (2007):

É uma ação pública, encena significações já estabelecidas socialmente e desse modo funda e consolida o sujeito. O gênero é um efeito performativo de atos repetidos, sem um original ou uma essência. Não expressa nem revela uma identidade preexistente (Porchat, 2007, p. 80).

Butler introduz uma distinção significativa em comparação a outros estudiosos do campo ao abordar a noção de uma repetição que é tanto subversiva quanto transformadora. A autora argumenta que o gênero é um ato em si, e a resistência é uma forma modificada dessa repetição. Isso oferece a oportunidade de desafiar o *status quo*, já que provoca questionamentos em relação às teorias que buscam harmonia entre sujeito, desejo e identidade. (Porchat, 2007)

De acordo com a autora, as aparentes entidades permanentes - os homens e mulheres - são uma construção ilusória originada de uma coerência cultural estabelecida. Cossi (2020) e Bezerra e Pinheiro (2020) destacam que, no livro *Problemas de Gênero*, é crucial para o pensamento de Butler a compreensão de que a inteligibilidade cultural das noções de gênero deriva da suposição de coerência entre práticas de desejo, sexo e gênero. Isso é enraizado em um paradigma epistemológico específico que pressupõe a heterossexualidade, o falocentrismo, divisões binárias entre sexo e gênero e resulta na criação de categorias ontológicas como homem e mulher, masculino e feminino. Nesse sentido, como enfatizam Bonfim e Vidal (2021): “sujeitos cujo gênero não coincide com o sexo ou cujas práticas de desejo não se apoiem nem no sexo nem no gênero estão fadados à invisibilidade ou à patologia” (p. 1203).

Butler cunha o termo "matriz de inteligibilidade" para se referir a esse contexto, designando-o como a matriz da heterossexualidade compulsória. Ela interpreta que a formação das identidades de gênero masculinas e femininas está interligada a um sistema de controle que se submete à estrutura dominante do patriarcado e à imposição da heterossexualidade compulsória. Dentro desse contexto, na visão de Butler, os discursos normativos que moldam a expressão de gênero de um indivíduo também são os responsáveis por construir sua sujeição, implicando que o gênero é um mecanismo de controle social. Portanto, não ocorre uma separação nítida entre regulação e gênero, na qual a primeira atuaria sobre o sujeito sexuado. A situação é mais complexa: o próprio sujeito só existe mediante sua própria conformidade com as normas reguladoras que o cercam (Bonfim e Vidal, 2021).

Indivíduos que não se encaixam nesse sistema de coerência são marginalizados e se transformam em 'seres abjetos', termo originalmente introduzido por Julia Kristeva. O que Butler busca evidenciar é que a extensão de sofrimento e preconceito que esses sujeitos podem enfrentar

é efeito de mecanismos histórico-sociais que visam normatizar os gêneros e gerir a produção do humano. O modelo butleriano também salienta que a exigência de adequação a matrizes de identidade fixa é fonte de patologia - o que anui, então, considerar uma política pós-identitária (BEZERRA e PINHEIRO, 2020, p. 149).

Butler avança esse debate e direciona sua atenção para as implicações do posicionamento subjetivo e social dos indivíduos, tomando como base o conceito de precariedade discutido em sua obra *Vida Precária* (2019). Ela argumenta que aqueles que não se alinham com as normas de inteligibilidade enfrentam uma existência mais vulnerável e precária. A autora sugere que a vida de certas pessoas está mais exposta a violências, violências de Estado e pobreza devido ao contexto político em que estão inseridas, expandindo assim a discussão para além da comunidade LGBTQIA+ para também incluir aqueles que são afetados por questões étnicas e sociais, tal como a população em situação de rua.

No âmbito de gênero, Butler destaca a precariedade vivida em relação ao espaço público, onde a exposição a violência e discriminação é amplificada, resultando em uma transformação da relação com esses espaços, que passa a ser marcada pela exclusão. Além disso, ocorre uma desumanização das vidas que enfrentam essa precariedade - indivíduos que não estão em conformidade com a matriz heterossexual deixam de ser reconhecidos como humanos.

Oliveira (2020) apresenta um conceito posteriormente desenvolvido por Butler - o "campo da aparição". Butler explica que nesse campo, os sujeitos se constituem e podem ser reconhecidos pelos outros, criando um elo com a noção de performatividade de gênero estabelecida em *Problemas de Gênero*. Assim, se a manifestação desse gênero não é possível, seu reconhecimento também se torna inviável e, de acordo com a perspectiva de Butler, a privação de reconhecimento coloca o sujeito em risco de ser negado em sua existência.

A performatividade e o reconhecimento do sujeito como humano só podem ocorrer no espaço público, um espaço negado àqueles que enfrentam condições de precariedade, um exemplo disso é a discussão a respeito do conceito de arquitetura hostil, muito difundida em relação ao acesso da população em situação de rua em espaços públicos, nos quais para impedir que essa população acesse se dispõe de artifícios tais como grades, barreiras, cacos de vidros, pedras, elementos

pontiagudos em calçadas, recuos, bancos de praça e fachadas. Ainda sobre esse assunto, Severini, V. F. e Nunes, G. P (2022) postulam:

[...] um tipo de método específico de desenho urbano que (de)limita, afasta e segrega pessoas, influenciando o convívio na cidade e desencorajando determinados grupos sociais a utilizar e a permanecer no espaço público. (2022, p.1)

A noção de humanidade para Judith Butler não é universal, pois para ela o sujeito é construído de maneira discursiva. Contudo, conforme argumentado por Oliveira (2020), nesta obra, a autora ao falar sobre o luto e as perdas, "entende que a vulnerabilidade do corpo físico e a dependência do outro para existir, além da perda de alguém amado, é uma condição que atravessa a todos nós" (p. 60)

O QUE É ABJETO? DISCUSSÕES ENTRE BUTLER E KRISTEVA

Como já foi apresentado, Butler empresta o termo abjeto de uma leitura do livro *Pouvoirs de l'horreur* (1980) de Julia Kristeva, apesar de ter diversas críticas a construção teórica psicanalítica da autora, Butler se utiliza deste termo para pensar gênero e sexualidade fora da norma, ou seja, o que ela chamará de não-inteligíveis, colocando em discussão o "caráter fronteiro e de exclusão" (Rodrigues e Gruman, 2021, p. 68) de tudo que não é hetero cisnormativo, mas que também é possível transpor para pensar a respeito de outras populações marginalizadas.

Kristeva propõe a discussão da abjeção ao pensar como um movimento que traça limites entre o eu e o outro, "uma exclusão constituinte" (Rodrigues e Gruman, p. 69). Carla Rodrigues e Paula Gruman (2021) também esclarecem que ao definir abjeção, Kristeva 1980) coloca que:

O sujeito funda-se no mesmo movimento em que torna abjeto algo de si, de modo que o abjeto tem suas origens no sujeito: ele é parte do grupo, cultura, sujeito ou mecanismo do qual é rejeitado. O abjeto é assim reconhecido como um elemento intolerável, algo que participa da constituição do "eu" para tornar-se "não-eu". Essa característica do abjeto que faz com que o pensemos como um excluído paradoxal. Interno ao sujeito, torna-se externo pelo movimento mesmo de sua expulsão, rejeição, sujeição. Concomitantemente, o próprio sujeito se fabrica e se produz por meio desse expulsar constituinte. Para tornar-se sujeito, torna-se necessário produzir um "eu", uma identidade inteligível face a uma norma, que exige o movimento de expulsar o elemento percebido como intolerável: o abjeto. Assim, é na exclusão do que é considerado inaceitável, nesse repúdio do abjeto, que originalmente era parte do eu, que se produz a fronteira que separa o sujeito do abjeto. (p. 69)

Assim, Kristeva (1980) reitera que a relação entre o eu e o outro, o sujeito e abjeto é uma relação dialética e contingente, já que um não existiria sem o outro. Para existir uma identificação inteligível precisaria ter um espaço para identificações da ordem da impossibilidade, da não-inteligibilidade. Simultaneamente à construção da identidade de um indivíduo, conformando-a de acordo com determinadas normas, leis e discursos, emerge um novo espaço, o qual é caracterizado pela abjeção. Dessa forma, a condição de sujeito é negada colocando o que é considerado abjeto do lado da fronteira marcada para a não-inteligibilidade. A importância do conceito da abjeção então, reside no entendimento que ele é fundante e também a própria demarcação, sendo “o elemento que funda o limite, e vive para além dessa fronteira.” (Rodrigues e Gruman, p. 69, 2021)

Kristeva (1980) explica que a abjeção é algo inerente ao humano, ao discutir essa proposição, a autora usa o paradigma do bebê, que nos primeiros momentos de vida possui uma dependência importante dos cuidados do outro, ainda “segundo a psicanalista, numa inicial indiferenciação entre o bebê e seu entorno, na experiência das pulsões desintegradas e do corpo ainda fragmentado do bebê, atravessa-se a expulsão daquilo que é rejeitado por ele: o vômito, a urina, as fezes.” (Rodrigues e Gruman, 2021). As autoras ainda reiteram que,

Tomando a náusea como exemplo, Kristeva (1980) caracteriza um mal-estar difuso e intenso do bebê, cujo corpo identifica um conteúdo considerado insuportável como não-eu. Dentro dos parâmetros do eu, o insuportável do conteúdo faz com que este precise ser expulso. Assim, ele é expelido, rechaçado, rejeitado pelo eu. Entretanto, esse conteúdo a ser expulso não é “outro” para o eu, de forma que também o eu é expelido e repudiado. No mesmo movimento em que a expulsão de um conteúdo funda os limites do sujeito, também algo do sujeito é expulso: sua parte, agora, percebida como abjeta. Na origem da constituição psíquica, haveria então não apenas uma expulsão, mas uma perda relativa a uma parte do eu: “[...] assim, eles veem que eu estou me tornando um outro ao preço de minha própria morte” (Kristeva, 1980, p. 11). (RODRIGUES E GRUMAN, P. , 2021)

O corpo abjeto representa aquilo que preferimos evitar reconhecer dentro de nós, tal como nossos resíduos e nossa finitude. Nosso corpo abjeto simboliza nossa enfermidade e nosso fim. Assim, os corpos abjetos na sociedade são aqueles que desprezamos da mesma forma que rejeitamos nossos próprios excessos e aquilo que se deteriora em nós, conduzindo-nos à morte. (Porchat, 2015, p. 40)

À medida que o que é rejeitado é percebido como algo que não faz parte de mim, as fronteiras que me definem se tornam mais distintas. Agora, o eu se identifica através da negativa: eu não sou aquilo que eu tenho repellido, o que eu expulso de mim. No exemplo do bebê, que emerge desde o início do eu/sujeito, o conteúdo inaceitável só se torna discernível como algo diferente dele quando é rejeitado. Dessa forma, a exclusão se torna um movimento fundamental e delimitador, criando uma divisão entre o eu e o outro. Sendo um elemento separado e definido/identificado somente quando se afasta do eu e se torna algo distinto. Podemos compreender que o abjeto só pode ser construído dentro de um determinado contexto, com seus critérios de aceitável/inaceitável.

Apesar de algumas semelhanças, Kristeva frisa as diferenças do objeto para o abjeto, que não são nem de longe a mesma coisa, já que o abjeto não é similar ao sujeito e tampouco a sua contraparte ou oposto, cuja aquisição ou inclusão traria uma sensação de totalidade. O único aspecto que compartilham é a de contrapor o eu, além disso, também o ameaça contra a ausência de sentido e lembra o eu do que ele precisa perder para se tornar sujeito. Sobre isso Kristeva coloca: “Para cada Eu, seu objeto, para cada Supra-Eu, seu abjeto” (Kristeva, 1980, p. 10 *apud* Rodrigues e Gruman, 2021, p. 71). Ou seja, da mesma forma que o abjeto é algo repugnante, ele também é constitutivo, o que leva a internalização do horror a si próprio, “trata-se de algo que eu reconheço o suficiente para rejeitar massivamente, ao mesmo tempo em que sua característica abjeta o torna um peso obscuro e sem-sentido.” (Rodrigues e Gruman, 2021, p. 71)

Portanto, a abjeção nos aponta os extremos do que é considerado humano. O abjeto assume uma natureza assustadora para o indivíduo que representa a norma, pois sua reintegração significaria a completa destruição do sujeito. Isso está frequentemente associado à sujeira, ao estado de deterioração e, até mesmo, à morte, Kristeva ainda completa:

Não é então a falta de limpeza ou de saúde que faz o abjeto, mas aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem. Aquilo que não respeita os limites, os lugares, as regras. O entre-dois, o ambíguo, o misto (Kristeva, 1980, p. 12 *apud* Rodrigues e Gruman, 2021, p. 71).

A partir desse pensamento, é possível explorar o conceito de abjeto resvalando em suas possibilidades políticas. Se o abjeto representa uma ameaça para a norma e seus seguidores, quais implicações podem ser derivadas disso? É

viável considerar que o elemento excluído e repudiado, surpreendentemente, possa ser uma fonte de poder para uma reavaliação dos padrões normativos e até mesmo da própria norma?

Como já foi mencionado, Butler discute os gêneros a partir do viés da inteligibilidade e não-inteligibilidade, assim o conceito da abjeção e sua relação com o sujeito também vai ser pensado através dessa dualidade, sendo o não-inteligível mais próximo do abjeto, tal como o inteligível se aproxima do sujeito. De acordo com a visão de Butler (1993) sobre a norma, o sujeito está associado ao que é percebido como uma vida que de fato importa. Por outro lado, o abjeto, que não se encaixa adequadamente nas normas de gênero, é considerado inumano.

Butler resgata Kristeva compreendendo a abjeção como um conceito estruturalista que define tabus que estabelecem limites, tornando assim o sujeito através da exclusão, ela cria uma norma a partir daquilo que está fora da norma. Na interpretação de Butler sobre o trabalho de Kristeva, o abjeto é aquilo que foi expelido do corpo, rejeitado como resíduo e transformado em algo diferente. À primeira vista, parece ser uma expulsão do estranho, mas é essa própria expulsão que cria o estranho. O abjeto se define como o oposto de "eu", delineando, assim, os limites do corpo e do sujeito. A divisão entre o que é interno e externo, bem como as fronteiras do corpo, são traçadas através da transformação de algo que antes era parte da identidade em algo diferente. (RODRIGUES E GRUMAN, 2021)

As autoras ainda explicam:

Os excluídos seriam os abjetos, aqueles que não são sujeitos, mas que formam o exterior constituinte dos sujeitos (corpos que importam/corpos que pesam). O território das vidas impensáveis, invivíveis contorna, cerca o domínio da sujeição válida. Essa zona da abjeção seria povoada pelos corpos que representam as identificações ameaçadoras à norma. (p. 77)

Dessa maneira, Butler propõe que são as identidades que se alinham com a norma exigem uma rejeição que resulta na criação do abjeto, um domínio essencial para a existência do sujeito. O terror que o abjeto representa reside em sua própria presença, que constantemente ameaça o status de sujeito. Isso ocorre principalmente devido ao paradoxo de o abjeto ser uma parte interna do sujeito e, ao mesmo tempo, uma criação da norma, embora seja repudiado e rejeitado tanto pelo sujeito quanto pela própria norma.

Ao discutir a abjeção no que diz a respeito das identificações, Butler traz a categoria da homossexualidade utilizando-se da ideia já discutida neste trabalho da melancolia de gênero, já que para se identificar com a heterossexualidade, precisa existir a rejeição do desejo homossexual, Rodrigues e Gruman (2021) completam reiterando que,

Como o gênero é compreendido como performativo por Butler, ou seja, dependente de atos reiterados, a heterossexualidade precisa constantemente rejeitar, abjetar a homossexualidade para manter-se compreensível, pensável, inteligível. É a identificação com o desejo homossexual, afinal, que leva à sua abjeção. (p. 78)

Butler também discute esse conceito ao pensar outros grupos fora da norma, para além de pensar as questões de gênero e sexualidade, também se propõe a pensar grupos como imigrantes, pacientes psiquiátricos e diversos outros grupos que ela coloca na categoria da não-inteligibilidade.

POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E AS VIDAS NÃO-ENLUTÁVEIS

Alicerçado nesta discussão, podemos utilizar da fundamentação teórica trazida por Butler e discutida pelos autores Rodrigues e Gruman (2021), Porchat (2015), Bezerra e Pinheiro (2020), Bomfim e Vidal (2021), Cossi e Dunker (2017), Oliveira (2020) e entre outros, para discutir e analisar o contexto do discurso à luz das unidades de análise: morte-social, discriminação, desumanização e sofrimento psíquico presente nos relatos da população em situação de rua. Sobre o contexto dos relatos, foram selecionadas apenas pessoas que estão em situação de calçada, importante elucidar que o estar em situação de rua também compete a pessoas que estão em albergues e outros serviços do Estado.

Apesar de Butler ser a autora principal utilizada nesta pesquisa, a filósofa não utiliza desse grupo para discutir sobre a abjeção e nem se propõe a isso, mas diante da análise documental dos relatos divulgados pela ONG (Organização Não-Governamental) *SP Invisível* será possível discutir a possibilidade de transposição deste conceito usado para pensar essa população.

A partir disso, é importante apresentar como a autora vai utilizar do termo da abjeção na discussão a respeito de vida enlutáveis e não-enlutáveis: “os corpos abjetos são corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante” (Porchat, 2015, p. 43). Sendo assim é possível

pensar a abjeção para além das discussões a respeito de gêneros e sexualidade, mas sim todo e qualquer grupo social que reside fora de uma norma imposta e que sofre com as consequências desta exclusão.

Butler então se propõe a expandir a discussão para discutir as vidas não-enlutáveis e pensar grupos como imigrantes, prisioneiros de Guantánamo, não-ocidentais, pacientes psiquiátricos, ou seja, de todos os grupos cuja as vidas são nomeadas como abjetas, e dessa forma, não-inteligíveis, o que aponta para a possibilidade de pensar também a população em situação de rua, que além de ser extremamente heterogênea, e portanto conter boa parte desses grupos que a autora discorre sobre, também é uma população que tem a sua vida marcada pela exclusão.

Nesse sentido, não seria apenas a matriz heterossexual que exclui esses corpos. Assim como cada indivíduo produz, digamos assim, sua abjeção, seus fluidos, sua morte, cada sociedade, cada grupo humano, com sua própria matriz de inteligibilidade, produz suas exclusões, isto é, seus seres/corpos abjetos. Ainda assim, no raciocínio de Butler, somos vidas precárias – afinal, a produção de nossa própria abjeção, nossa morte, aponta fundamentalmente para isso. E é por causa de nossa precariedade que precisamos contar com a solidariedade dos outros. A produção individual ou social da abjeção não justifica a violência e seu extermínio. O movimento deve ser de reconhecimento e de expansão do campo de inteligibilidade para poder incluí-la. (Porchat, 2015, p.43)

Sobre a dimensão dos corpos abjetos nos quais as vidas não são consideradas vidas e consequentemente são vidas que podem ser tiradas, as unidades de análise como a discriminação e a desumanização, podem exemplificar o quanto grupos fora da norma são colocados como vidas matáveis e os exclui por não estarem de acordo com a norma de inteligibilidade, dos 8 relatos escolhidos todos apresentaram essas duas categorias, mostrando o quanto a vivência da população em situação de rua, apesar de não ser um grupo que a autora discute, também é marcada por esse aspecto, além de apresentar a reflexão de como a desumanização e a discriminação estão interligadas. Alguns dos relatos que apresentam essa dimensão:

“(...)As pessoas deveriam ter menos preconceito e não generalizar todo mundo! A todo instante eu vejo maus olhares, muita gente atravessa a rua quando eu passo. Só no olhar você já vê... o preconceito.” (José Roberto, 59 anos)

“(...) Tem muita gente preconceituosa na sociedade e que não gosta da gente, porque não enxerga a gente como seres humanos e que tem sentimentos... Já tentaram atear fogo em mim, me apedrejar, um monte de coisas ruins. Por isso a gente tem que ficar esperto o tempo todo (...)” (Moisés, 40 anos)

A partir de reflexões tal como essas a respeito de outros grupos fora da norma, Butler passa a se questionar quais são os fatores que tornam viável o reconhecimento de uma existência como vida, algo que podemos observar nos relatos acima da população em situação de rua. Butler argumenta que essa determinação não se baseia apenas na formação de um "eu" através da distinção em relação ao "não-eu", mas também na maneira como essa existência é contextualizada na experiência social.

A filósofa se utiliza de Freud também para discorrer a respeito dos desdobramentos do luto e discute esse conceito como um direito, como algo que desempenha um papel na diferenciação entre vida que pode ser vivida e vida que pode ser tirada, sendo essa distinção fundamental na normalização das fatalidades, particularmente na compreensão da perda como uma experiência de desamparo e desposseção, algo que reforça a nossa responsabilidade ética e reciprocidade.

É necessário examinar o que determina por que certas vidas são percebidas como passíveis de luto, compreensíveis e dignas de serem vividas. Rever o próprio ato de enquadrar⁶ é outra forma de expressar que a tarefa envolve não apenas a reflexão sobre a fragilidade de cada uma dessas formas de existência, mas também a consideração do que sustenta a condição que torna possível manter essas vidas em um estado precário, categorizadas como humanas ou não-humanas.

É crucial notar que a capacidade de enlutamento não é algo que se manifesta apenas após a ocorrência da morte. Pelo contrário, ser passível de luto é uma condição essencial para que uma vida receba atenção desde o seu nascimento. Essa condição é fundamental para que uma vida seja compreendida como tal e para que seja considerada adequada aos padrões da heteronormatividade, é o que nomeamos como inteligibilidade.

⁶ Butler discute o conceito de enquadramento proposto pelo sociólogo Erving Goffman (2012) e faz um deslocamento para pensar as condições de enlutamento em diversas obras. (Rodrigues e Gruman, 2021)

Ainda sobre as unidades de análise de desumanização e descriminação, é possível relacionar com o que Butler diz sobre a fragilidade e precariedade dessas vidas, que as tornam não-humanas, algo que podemos ver em alguns outros relatos. Tais como:

“Eu sou invisível para você? Não sei explicar esse sentimento, parece que eu não faço parte do mundo, sabe. As pessoas passam, e até olham para mim, mas só para julgar e dizer que estou aqui porque quero. Que tipo de gente escolheria viver na miséria? Quem iria escolher passar um dia inteiro sem comer como eu? (...)” (André, 35 anos)

“(...) O dia a dia na rua é turbulento, passa fome, passa frio, não é fácil. Além disso, a sociedade me vê como um lixo, a maioria que passa por nós só falta cuspir na gente... (...)” (Agnaldo, 55 anos)

“Durmo na rua desde os 12 anos, quando me assumi travesti e minha mãe me pôs pra fora. Mesmo assim, eu sempre a ajudo, mando um SEDEX, um dinheiro... Hoje estamos sobrevivendo com aquela manta cinza que a prefeitura distribui, mas ela parece só servir pra aumentar o preconceito sobre a gente. (...)” (Monique, 34 anos)

Butler vai discutir a respeito das vidas e das relações nas quais há legitimidade e direito ao luto, como fatores que desempenham um papel na definição das pessoas que podem ser aceitas na esfera pública. Esta esfera pública é concebida como um domínio de compreensão que é moldado pelo processo de inclusão e exclusão, conforme mencionado anteriormente no contexto do conceito de abjeção.

É relevante investigar a "morte social", um termo cunhado por Orlando Patterson e adotado posteriormente por Butler (2000), que se refere à condição de ser vivo, porém privado de todos os direitos que deveriam ser garantidos a qualquer ser humano. Além disso, é fundamental analisar como essa "morte social" é distribuída de maneira desigual entre as vidas que carregam diversas identidades interseccionais, como raça, classe, gênero e entre outras categorias. (Rodrigues e Gruman, 2021)

Pensar a interseccionalidade é de suma importância ao estudar a população em situação de rua, principalmente por se tratar de uma população extremamente heterogênea. De acordo com o censo de 2021 da prefeitura de São Paulo sobre a população em situação de rua, 70,8% das pessoas se autodeclaram pretas e pardas e 1,8% se autodeclaram indígenas. A respeito das questões de identidade de

gênero se autodeclaram homens cisgênero mais de 80% das pessoas, outras 17% são mulheres cisgênero e os outros 3% estão divididos entre agênero, homens e mulheres transexuais, travesti, outra e não-binário.

Além das unidades de análise de discriminação e desumanização, também foram utilizadas as unidades morte-social e sofrimento psíquico. Como foi falado, o termo morte-social na leitura de Butler, vai falar sobre vidas que estão expostas a tanta precariedade, que não há acesso a direitos básicos, tais como a água e moradia. Por conta disso, é percebido a partir de cada relato apresentado um aumento exponencial do sofrimento psíquico, unidade que está presente em todos os 8 relatos, reforçando o quanto essa condição de exclusão que é imposta a todo grupo que está fora da norma pode provocar intenso sofrimento psíquico. Sobre isso, é apresentado:

“Sentir a sede nesse calor e não ter onde se refrescar é horrível, você fica fraco, com a imunidade baixa... Em muitos lugares negam um copo de água pra gente, acredita? Pois é... Mas sabe o que é pior que o frio e o calor? A DISCRIMINAÇÃO (...)” (Claudio, 40 anos)

“Às vezes me pego pensando o que eu fiz para aos 76 anos estar nessa situação... O mundo é muito injusto e cruel... O inverno? Na rua é cruel. Meu nome é Joaquim, tenho 76 anos e estou há 22 anos em situação de calçada... Antigamente eu tinha tudo, mas depois que a política começou a desandar, acabei perdendo tudo, inclusive o meu emprego e depois disso não consegui mais nada... A bebida me atrapalhou bastante depois disso, pois acabei caindo na depressão e as coisas só pioraram (...)” (Joaquim, 76 anos)

Rodrigues e Gruman (2021) ainda completam:

Se a possibilidade de ser enlutada “é um pressuposto para toda vida que importa”, como argumenta Butler (2015, p. 32), a morte social carrega uma dupla impossibilidade: a de ter uma vida com valor e a de ter uma vida enlutável, recaindo sobre certos corpos a experiência permanente de ser apenas abjeto, nunca sujeito. Talvez por isso, em seu livro mais recente, *The force of nonviolence* (Butler, 2020), a filósofa considere que é preciso pensar o luto a partir da perspectiva de um processo contínuo, do qual participam marcadores como gênero, raça, classe, sexualidade. Esse enquadramento opera na distinção entre quem é ou não é uma vida a ser lembrada, enlutada, reconhecida e preservada. (p. 81-82)

Sobre isso, é possível dizer o quanto os relatos revelam uma experiência da população em situação de rua de nunca ser sujeita, sempre colocada como abjeta e exposta a diversas exclusões. Quando o Sr. Moisés relata que já tentaram atear

fogo nele apenas por estar em situação de calçada elucida o quanto a vida dele é colocada como não ser digna de ser preservada, cuidada e reconhecida. Quando o Sr. Carlos e o Sr. Joaquim relatam o preconceito e que às vezes mudam de espaço para não incomodar as pessoas ou para que não sejam confundidos como assaltantes só por estarem na rua elucida o não pertencimento aos espaços públicos. Rodrigues e Gruman (2021) elucidam esses aspectos explicando que as vidas consideradas abjetas,

São formas de vida não integráveis, não inteligíveis, lançadas à categoria de excedente, de restos humanos elimináveis, para que certas formas de vida permaneçam detendo pelo menos dois privilégios: o poder de estabelecer que vidas humanas não serão consideradas humanas e o de serem inteligíveis como humanas. (p.82)

Para fechar a discussão, trago o importante questionamento que o filósofo Achille Mbembe traz em seu livro *Necropolítica* (2011): “sob quais condições práticas se exerce o direito de matar, deixar viver ou expor à morte?” (2016, p. 123).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi explorado o conceito de abjeção e sua relação com o sujeito e as vidas não-enlutáveis examinando como o abjeto emerge a partir do próprio sujeito, desempenhando um papel crucial na construção da identidade. O abjeto, muitas vezes representado pelo corpo e pelas características que preferimos evitar reconhecer em nós mesmos, é uma parte inerente do sujeito e da cultura, embora seja rejeitado e considerado intolerável.

A importância do conceito de abjeção reside no entendimento de que ele não apenas fundamenta a identidade, mas também delinea as fronteiras entre o sujeito e o não sujeito. Os corpos abjetos são aqueles cujas vidas não são consideradas vidas, e sua materialidade é desconsiderada. Isso se aplica a grupos marginalizados, como imigrantes, não-ocidentais e, particularmente, à população em situação de rua, escolhida enquanto grupo a ser discutida nesta pesquisa e que enfrenta a exclusão e a desumanização.

Butler argumenta que a produção da abjeção é uma parte essencial da existência do sujeito. O abjeto é uma criação da norma, mas também é rejeitado tanto pelo sujeito quanto pela própria norma. Essa dualidade gera um terror constante, uma vez que o abjeto ameaça o status do sujeito. No entanto, a autora enfatiza que a produção da abjeção, seja a nível individual ou social, não justifica a violência ou o extermínio, mas sim a necessidade de reconhecimento e expansão do campo de inteligibilidade.

Butler também discute a importância do enlutamento na diferenciação entre vidas que podem ser vividas e vidas que podem ser tiradas. Ser passível de luto é fundamental para a inclusão na esfera pública e para a compreensão da vida como inteligível. A "morte social" é uma condição na qual se é privado de todos os direitos que deveriam ser garantidos a qualquer ser humano, e essa morte social é distribuída de forma desigual entre as vidas que carregam diferentes identidades interseccionais.

No contexto dos relatos da população em situação de rua, percebemos como essas vidas são colocadas como abjetas, sempre à margem da compreensão pública. A discriminação, a desumanização e o sofrimento psíquico são evidentes nos relatos, mostrando que a exclusão social se manifesta de maneira profunda e prejudicial.

Butler nos convida a repensar quem é considerado uma vida digna de luto, reconhecimento e preservação, destacando a importância de examinar as vidas não-enlutáveis. Este conceito é crucial para compreender as dinâmicas de inclusão e exclusão na sociedade. O processo de inclusão e exclusão molda a esfera pública e determina quais vidas são consideradas inteligíveis.

Em última análise, este trabalho propõe a reflexão sobre a necessidade de repensar nossa relação com grupos fora da norma, mas especialmente no que diz respeito à população em situação de rua. A compreensão da abjeção nos questiona enquanto sujeitos e sociedade, além de também nos questionar a respeito da precariedade das vidas que estão expostas a essa condição e o que tem sido construído enquanto políticas públicas e garantias de direitos para isso ser atenuado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, T.; PINHEIRO, C. Diferença sexual e o desentendimento entre Butler e a Psicanálise. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 40-54, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000100004&lng=pt&nrm=iso

BONFIM, F; VIDAL, A. Encontros e desencontros de Judith Butler com a psicanálise. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1200-1219, 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde, Sistema Único de Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sus#:~:text=Princ%C3%ADpios%20do%20Sistema%20%C3%9Anico%20de>.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2003, 288 p.

_____, Judith. 2019. *Vida precária: os poderes do luto e da violência* Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. 189 pp.

CALHEIROS, Sandra Maria Vitória. Melancolia: da perda do objeto ao luto impossível em Freud e André Green. 2014. xi, 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CAMPOS, C. J. G.. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 5, p. 611–614, set. 2004.

CASTRO, T. G. DE .; ABS, D.; SARRIERA, J. C.. Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 4, p. 814–825, 2011.

COSSI, R. DUNKER, C. A diferença sexual de Butler a Lacan: Gênero, espécie e família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 33, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722017000100404&lng=pt&nrm=iso.

_____. *Lacan e o feminismo*. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2020.

FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith

Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.** Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

FREUD, S. O Eu e o Id. In: Obras Completas vol. 16. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011

_____. Luto e melancolia. In: Obras Completas vol. 12. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2010

_____. Dissolução do complexo de Édipo. In: Obras Completas vol. 16. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1992). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Marucco, N. C. (1987). La Melancolia: El caso de uma pasión-retrotienpo, por lós rastros de Cain Y Abel, In Revista Brasileira de Psicanálise. V. 21, pp1- 7.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

OLIVEIRA, L. Heterossexualidade e Melancolia em Judith Butler. (Dissertação de mestrado), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 2020, 99 p.

RUBIN, G. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 144 p.

PORCHAT, P. Gênero, psicanálise e Judith Butler – do transexualismo à política. (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia - USP, 2007, 157 p.

porchat 2015 colocar:
file:///C:/Users/giiua/Downloads/14254-Texto%20do%20Artigo-45480-1-10-20150903.pdf

PORCHAT, P. Um corpo para Judith Butler. Revista Periódicos, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 37–51, 2015. DOI: 10.9771/peri.v1i3.14254. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/14254>. Acesso em: 6 nov. 2023.

RODRIGUES, C. *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. São Paulo: Ed. Autêntica, 2021.

RODRIGUES, C.; GRUMAN, P. Do abjeto ao não-enlutável: o problema da inteligibilidade na filosofia de Butler. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 46, n. 3, p. 67–84, 2023. DOI: 10.4000/aa.8933. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/47807>. Acesso em: 6 nov. 2023.

RUI, T. Nojo, humilhação e vergonha no cotidiano de usuários de crack em situação de rua. *Anuário Antropológico*, [S. l.], v. 46, n. 3, p. 85–107, 2023. DOI: 10.4000/aa.8925. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/47808>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SALIH, S. Judith Butler e a Teoria Queer. Rio de Janeiro: Autêntica, 2012.

Secretaria Municipal De Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS). *Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo*. São Paulo: SMADS, 2021.

Severini, V. F., & Nunes, G. P. (2022). Arquitetura hostil: cidade para quem? . *Cadernos CERU*, 33(2), 76-95. <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v33i2p76-95>